

Desafios e perspectivas da hanseníase para os adolescentes: revisão narrativa

Challenges and perspectives of leprosy for adolescents: narrative review

Retos y perspectivas de la lepra en adolescentes: revisión narrativa

 **Hellen de Paiva Szkura¹**

 **Elisa Gonçalves Pimentel¹**

 **Joyce Mazza Nunes Aragão¹**

¹Universidade Estadual Vale do
Acarau (UVA)
Sobral, Ceará, Brasil.

Autor correspondente:
Hellen de Paiva Szkura,
szkurahellenn@gmail.com

Submissão: 26 jun 2025

Aceite: 14 ago 2025

RESUMO. Objetivo: sintetizar e analisar pesquisas que abordam fatores relacionados à hanseníase para adolescentes. **Métodos:** revisão narrativa realizada entre outubro e novembro de 2024, com busca nas bases de dados PubMed, SciELO, Periódicos CAPES e Google Acadêmico, com o uso dos descritores “Adolescente”, “Hanseníase”, “Adolescent”, “Leprosy”. Utilizaram-se os operadores booleanos “AND” e “OR”. **Resultados:** foram selecionados 15 estudos que apontam prevalência a fatores vulnerabilizantes, conhecimento sobre a hanseníase, estigmas, repercussões, uso de tecnologias educativas, capacitação e assistência profissional. **Conclusão:** os estudos destacam os adolescentes como público de atenção ao tratar sobre hanseníase, por ser necessário o conhecimento sobre a doença, a fim da detecção precoce de casos e maior sensibilização social. **Descritores:** Hanseníase; Adolescentes; Saúde do adolescente.

ABSTRACT. Objectives: to synthesize and analyze research that addresses factors related to leprosy for adolescents. **Methods:** narrative review carried out between October and November 2024, with searches in the PubMed, SciELO, CAPES Journals and Google Scholar databases, using the descriptors “Adolescent”, “Hanseníase”, “Adolescent”, “Leprosy”, using the Boolean operators “AND” and “OR”. **Results:** Fifteen studies were selected that indicate the prevalence of vulnerability factors, knowledge about leprosy, stigmas, repercussions, use of educational technologies, training and professional assistance. **Conclusion:** the studies highlight adolescents as a target audience when dealing with leprosy, since knowledge about the disease is necessary for early detection of cases and greater social awareness.

Descriptors: Leprosy; Adolescents; Adolescent Health.

RESUMEN. Objetivo: sintetizar y analizar investigaciones que abordan los factores relacionados con la lepra en adolescentes. **Método:** revisión narrativa realizada entre octubre y noviembre de 2024, con búsquedas en las bases de datos PubMed, SciELO, CAPES Periodicals y Google Académico, utilizando los descriptores “Adolescente”, “Anseníase”, “Adolescent”, “Leprosy”. Se utilizaron los operadores booleanos “AND” y “OR”. **Resultados:** se seleccionaron quince estudios que indican la prevalencia de factores de vulnerabilidad, conocimiento sobre la lepra, estigmas, repercusiones, uso de tecnologías educativas, capacitación y asistencia profesional. **Conclusión:** los estudios destacan a los adolescentes como público objetivo en el tratamiento de la lepra, ya que el conocimiento sobre la enfermedad es necesario para la detección temprana de casos y una mayor concienciación social.

Descriptores: Lepra; Adolescentes; Salud del adolescente.

INTRODUÇÃO

A hanseníase, causada pelo *Mycobacterium leprae*, é uma doença infecciosa que afeta pele e nervos, transmitida pelo contato direto com pele e mucosas, possuindo como fatores influenciáveis a infectividade do hospedeiro, proximidade, duração e frequência de contato. Apesar de ser uma das infecções mais antigas, persiste como problema global de saúde (OMS)⁽¹⁾. Análogo a isso, a Organização das Nações Unidas (ONU), por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), inclui a hanseníase em seu terceiro objetivo, sendo “boa saúde e bem-estar”, no qual abrange as doenças tropicais negligenciadas, reforçando a necessidade de combate e conscientização sobre a doença⁽²⁾.

Nesse contexto, as vulnerabilidades em saúde e os estigmas sociais evidenciam-se como elementos determinantes para a evolução clínica dos pacientes avaliados, sendo fator relevante acerca da falta de informações e desconhecimento, levando a uma resistência ao tratamento por medo de exclusão social⁽³⁾. Sob essa perspectiva, os estigmas às pessoas portadoras da doença determinam o seu convívio social, por serem atribuídos rótulos que desconsideram a pessoa como um ser comum. Este preconceito advém desde o surgimento da doença, principalmente devido às alterações cutâneas que contribuem com o medo da população diante de alterações físicas, fortalecendo a exclusão dessas pessoas na sociedade⁽⁴⁾.

O Boletim Epidemiológico de Hanseníase, publicado pela Secretaria de Vigilância do Ministério da Saúde, identificou 19.129 novos casos em 2023 no Brasil, evidenciando um crescimento de 4,8% comparado ao ano anterior. Esse aumento é multicausal, incluindo fatores de saúde, social e econômico que prejudicam a detecção precoce da doença⁽⁵⁾. O diagnóstico precoce é crucial para o controle da hanseníase, no entanto, em regiões mais vulneráveis, a vigilância é ineficaz, permitindo a progressão patológica. Em concordância, um estudo indica que o Brasil se enquadra atualmente como nível médio de endemia, estando entre os três países com o maior número de novos casos mundialmente, visto que o controle da doença prevalece como desafio de saúde pública no país⁽⁶⁾.

Outrossim, identificou-se uma prevalência de diagnóstico de hanseníase em crianças e adolescentes de 10 a 14 anos no Brasil, evidenciando que essa faixa etária é igualmente afetada, principalmente devido ao longo período de incubação. Com isso, é perceptível ser tradicionalmente associada aos adultos, negligenciando as outras faixas etárias do contato com a doença, reforçando a persistência de seu progresso⁽⁶⁾. Assim, faz-se necessário um olhar aprimorado para essa população, principalmente porque nesta idade o risco de transmissão torna-se maior, por serem ativos

socialmente e frequentarem diversos ambientes, por exemplo, a escola. Acerca de crianças e adolescentes, pesquisas evidenciam grandes problemas associados à confirmação do diagnóstico da doença, como evasão escolar, diminuição da autoestima e preconceito⁽⁷⁾.

O Programa Saúde na Escola (PSE) é um projeto intersetorial do Ministério da Saúde e da Educação com o intuito de disseminar informações relevantes para a faixa etária escolar de crianças e adolescentes, com base em eixos temáticos. Dentre as temáticas abordadas pelo programa, destaca-se: “prevenção de doenças negligenciadas”, na qual entre as patologias abordadas está a hanseníase, a fim de enfatizar o quanto a abordagem sobre a doença é crucial e esse debate deve ser fortalecido com a população em geral, inclusive com crianças e adolescentes⁽⁸⁾.

Assim, é importante promover a conscientização para desmistificar a doença e torná-los informados a respeito da hanseníase, com o intuito de impactar na saúde individual e coletiva e para haver o controle desta doença. Haja vista a prevalência como um problema de saúde pública global, com ênfase para os adolescentes que enfrentam dificuldades. Evidenciando assim a relevância em mapear e analisar estudos científicos acerca da hanseníase para os adolescentes, tendo em vista as fragilidades, lacunas informacionais e repercussões da doença.

O estudo foi conduzido a partir da questão norteadora: “Quais são as perspectivas e os principais desafios enfrentados por adolescentes em relação à hanseníase?” Dessa forma, o presente estudo teve por objetivo sintetizar e analisar pesquisas que abordam fatores relacionados à hanseníase para adolescentes.

DESENVOLVIMENTO

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura, de abordagem qualitativa. A revisão narrativa objetiva o aprofundamento de um determinado tema, do qual utiliza a literatura disponível para consolidação, análise e conclusão acerca do assunto em questão. Para esse tipo de revisão destaca-se a não rigorosidade e estrutura específica para o desenvolvimento, fato que possibilita resultados e discussões diversas.

A pesquisa ocorreu entre outubro e novembro de 2024, sendo as plataformas de bases de dados: PubMed, SciELO, Periódicos CAPES e Google Acadêmico. Os descritores foram escolhidos no site dos Descritores em Ciência da Saúde DeCS/MESH, sendo selecionados os termos nos idiomas português e inglês: “Adolescente”; “Hanseníase”; “Adolescent”; “Leprosy”. Utilizaram-se os operadores booleanos “AND” e “OR” entre os termos. Os critérios de inclusão foram pesquisas relacionadas à temática, em qualquer idioma, dos últimos 5 anos. Para os critérios de exclusão, consideraram-se artigos duplicados. Inicialmente, foram encontrados 1.487 estudos, após a análise dos títulos e resumos restaram 21 pesquisas, após leitura na íntegra restaram 15 estudos.

Considerando também a exclusão de 3 duplicatas. A Figura 01 demonstra a ordem de análise e seleção dos artigos.

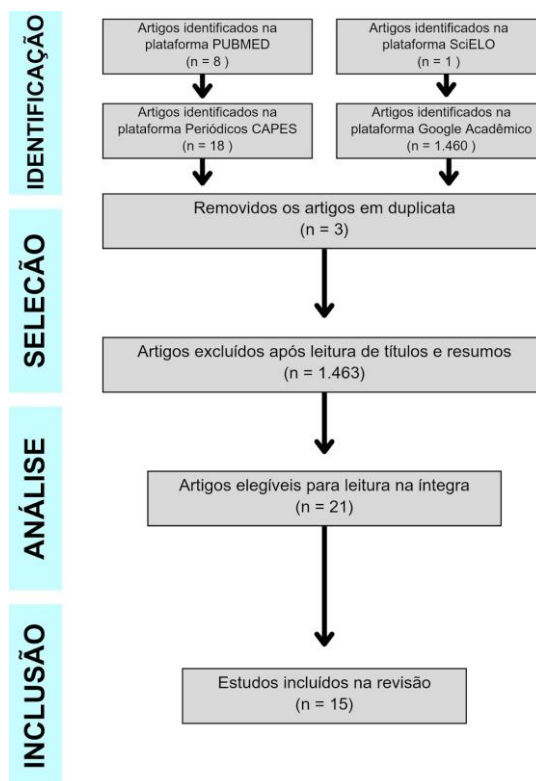


Figura 01. Fluxograma dos estudos selecionados segundo as etapas de identificação, seleção, análise e inclusão na revisão, Sobral - CE.

Fonte: elaborado pelos autores.

Após a busca nas bases de dados e inclusão de todos os filtros conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, obteve-se um total de 15 estudos relacionados à temática, dos quais foram analisados e selecionados para a pesquisa, sendo 11 de abordagem qualitativa e 4 de abordagem quantitativa. O Quadro 1 sintetiza os principais aspectos dos estudos selecionados.

Quadro 01. Principais aspectos dos estudos, segundo base de dados, autor e ano, título e principais resultados, Sobral - CE.

	Autor e Ano	Título	Principais resultados
01	Rodrigues <i>et al</i> , 2020 ⁽⁹⁾	Factors associated with leprosy in children contacts of notified adults in an endemic region of	Existem vulnerabilidades pertinentes à idade, residência em áreas rurais, condições de coleta e descarte de lixo inadequado, tempo de residência e histórico da doença na família.

		Midwest Brazil	
02	Santos <i>et al</i> , 2021 ⁽¹⁰⁾	Protagonismo de adolescentes na criação de um <i>storyboard</i> para um jogo digital sobre hanseníase	A criação de um aplicativo interativo entre adolescentes estimulou a criatividade dos estudantes, aprendizagem e possibilidade de disseminação de conhecimento para os participantes de forma dinâmica e lúdica.
03	Ferraes <i>et al</i> , 2023 ⁽¹¹⁾	Conhecimento de adolescentes sobre hanseníase após intervenção educativa	O pré-teste evidenciou que os adolescentes possuíam conhecimento insuficiente acerca da temática. Contudo, após a intervenção educativa apresentaram percentuais satisfatórios e nenhum com conhecimento insuficiente ou regular.
04	Freitas <i>et al</i> , 2020 ⁽¹²⁾	Significados atribuídos por adolescentes a uma intervenção educativa sobre hanseníase	O jogo determinou categorias, sendo: “Adolescentes como agentes transformadores” e “Atividade educativa como elemento capaz de proporcionar maior engajamento do adolescente com a saúde”.
05	Vieira <i>et al</i> , 2023 ⁽¹³⁾	<i>My color is not like this, this is the color of the medicine: body image of individuals under 15 years old who had leprosy in Petrolina, PE and Juazeiro, BA</i>	A imagem corporal possui repercussão negativa da hanseníase para os adolescentes, com denominações de “feio” e “rejeitado”. O comprometimento físico da doença impactou negativamente, com ênfase para a alteração da pele após o início do tratamento.
06	Carvalho <i>et al</i> , 2022 ⁽¹⁴⁾	Incapacidades físicas da hanseníase em menores 15 anos no estado do Tocantins,	Entre os desafios da hanseníase, a proporção de casos com taxas de grau 1 e 2 para incapacidade física entre menores de 15 anos. Evidenciam-se

		Brasil, 2001 a 2020	barreiras no manejo operacional e clínico na assistência ao paciente.
07	Vieira <i>et al</i> , 2022 ⁽¹⁵⁾	Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes	O adoecimento foi prejudicial ao convívio social e mostrou-se cercado por estigmas e preconceitos.
08	Gaspar <i>et al</i> , 2023 ⁽¹⁶⁾	Educação popular em saúde sobre hanseníase em uma comunidade quilombola da baixada maranhense: um relato de experiência do pet-saúde/interprofissionalidade	A importância da educação em saúde acerca do diagnóstico, tratamento precoce, sinais e sintomas, manchas e sensibilidade relacionados à doença. Observou-se o interesse e participação dos adolescentes nas atividades propostas.
09	Souza <i>et al</i> , 2022 ⁽¹⁷⁾	O “cárcere” dos inocentes: os preventórios para os filhos dos pacientes de hanseníase no Brasil	A segregação de filhos evidenciou-se no Brasil e em Portugal intensos transtornos sociais e psicológicos às famílias envolvidas, além de que não atingiram os resultados de controle da doença, por ainda ser um país endêmico para a hanseníase.
10	Oliveira <i>et al</i> , 2020 ⁽¹⁸⁾	<i>Practices in the healthcare of children and adolescents with leprosy: the discourse of professionals</i>	A assistência multiprofissional com adolescentes foi agrupada em: “acolhimento em hanseníase”, “a prática clínica” e “educação em saúde”. Contudo, a abordagem aos pacientes mostrou-se hierárquica e com limitações.
11	Leite Filho <i>et al</i> , 2024 ⁽¹⁹⁾	Hanseníase em Crianças e Adolescentes no Brasil: Uma Revisão	Alta prevalência de menores de 15 anos acometidos da doença, onde muitos estavam em contatos não identificados. Os efeitos do diagnóstico variam diante

		da Literatura	da aceitação e posicionamento familiar e instituições de ensino.
12	Souza, 2023 ⁽²⁰⁾	Itinerário terapêutico de crianças e adolescentes com diagnóstico de hanseníase	Prevalência de diagnósticos e tratamentos tardios e falta de conhecimento de sinais sugestivos, atrelado à falta de capacitação dos cuidadores acerca da doença, para facilitar o tratamento e acompanhamento. As unidades de saúde devem possuir maior estrutura e recursos para a garantia de assistência e continuidade do cuidado.
13	Alves, 2020 ⁽²¹⁾	O conhecimento de Hanseníase entre estudantes de escolas públicas: conceitos e preconceitos	Cerca de 70% apenas ouviam falar sobre hanseníase, com afirmações subjetivas sobre ser curável e contagioso, contudo possui bons percentuais para o conhecimento sobre sinais clínicos. Em relação ao sentimento, evidenciou o medo e a angústia.
14	Campos, 2023 ⁽²²⁾	Adolescente com Hanseníase e autoestigma: o papel da educação	O Brasil, como um país endêmico para a doença, deve possuir estratégias de combate ao estigma e preconceito, a partir da inclusão dos acometidos por meio de uma educação ativa na propagação de informações, combate à discriminação e apoio à inclusão.
15	Sousa et al, 2023 ⁽²³⁾	<i>Primary health care essential and derivative attributes in children and adolescents with leprosy</i>	Menos da metade dos profissionais possuía no mínimo duas capacitações sobre hanseníase e cerca de 30% possuíam alguma relacionada ao tratamento de menores. Os aspectos de acesso ao serviço e atendimento

			continuado apresentaram-se com valores inferiores à média.
--	--	--	--

Fonte: elaborado pelos autores.

Diante dos estudos, revelaram-se pesquisas relacionadas a diversos aspectos da hanseníase, com foco para fatores sociais, educacionais e saúde pública, que repercutem e influenciam de maneira direta ou indireta na vida pessoal, familiar e social dos adolescentes acometidos. Demonstraram também a importância do uso de tecnologias educativas para disseminação de conhecimento e informações importantes para adolescentes escolares sobre a doença. Ademais, os estudos demonstram a perspectiva de uma patologia multifacetada que abrange desde suas condições e repercussões físicas até desafios relacionados aos estigmas e discriminação.

Os estudos apontam fatores pertinentes de vulnerabilidade entre os adolescentes à hanseníase, com destaque para menores de 15 anos, residentes em zona rural e com histórico familiar da doença^(9,19,21). Da mesma forma, outro estudo confirma sobre vulnerabilidades às quais os portadores de hanseníase estão expostos, classificando-as por: biológicas, socioeconômicas e psicológicas, destacando a possibilidade de existência e desenvolvimento de comorbidades, medos associados, localização geográfica influente, acometimento da doença na família em duas gerações, condições nutricionais e outras dimensões, demonstrando o aspecto de uma patologia multifatorial e com diversas repercussões⁽²⁴⁾.

Enfatizam-se em dois estudos, casos em que os adolescentes relatam comprometimento físico e alteração da cor da pele após o início do tratamento, com destaque ainda para a alta taxa de incapacidades físicas, considerando a doença como incapacitante e limitante, tornando ainda mais complexo o tratamento^(13,14). Entretanto, embora ainda haja casos elevados de incapacidades físicas aos portadores, segundo o Boletim Epidemiológico da Hanseníase do Brasil, no qual se avaliou epidemiologicamente a incidência da doença e suas incapacidades no período de 2013 a 2024, constatou-se uma redução de incapacidades no momento do diagnóstico. Demonstrou-se a importância de ações para detecção precoce da doença, contribuindo para controle, redução de novos casos e consequentemente menores repercussões negativas⁽²⁵⁾.

Os estigmas sociais e preconceitos prevalecem fortemente associados à doença desde seu surgimento, fator que contribui para a resistência dos portadores, com foco, aos adolescentes, possuindo desfechos desfavoráveis, como transtornos sociais, psicológicos e associações negativas à imagem corporal^(15,17). Nesse sentido, outra pesquisa afirma acerca das mudanças na vida dos portadores como consequência da doença após o diagnóstico e início do tratamento. Tais mudanças dizem respeito à assimilação negativa que os pacientes possuem e associação a prejuízos a atividades

de vida diárias, às relações interpessoais e à prevalência do preconceito, estigmas e consequente isolamento social sofrido pelos portadores, como acreditam os profissionais no citado estudo⁽²⁶⁾.

Diante disso, cinco estudos apontam para ações de educação em saúde e sensibilização de adolescentes portadores e do público jovem em geral, como uma importante ferramenta de transformação do contexto social, por meio da utilização de tecnologias educativas, por meio de abordagens didáticas que promovem o conhecimento entre os jovens^(10,11,12,16,22). Outra pesquisa reforça a ideia sobre o efeito da educação em saúde com os adolescentes para a promoção da saúde, envolvendo, além do conhecimento teórico e científico: a utilização e aprimoramento de habilidades, fortalecimento da relação de confiança entre profissionais e adolescentes e com repercussões de redução no número de doenças na comunidade, com base na transmissão de conhecimentos bem fundamentados e confiáveis⁽²⁷⁾.

Ademais, a capacitação dos profissionais demonstrou-se insuficiente, dos quais os mesmos possuem conhecimento superficial, acarretando prejuízos na assistência aos adolescentes portadores de hanseníase, sendo muitas vezes essa assistência associada à limitações que ocasionam altas taxas de diagnósticos e tratamentos tardios^(18,20,23). Em concordância, o Ministério da Saúde lançou em 2020 a cartilha nacional acerca da hanseníase e seus conhecimentos, visando ao estabelecimento de estratégias que, desenvolvidas, podem gerar efeitos positivos aos portadores. Destacam ações articuladas com secretarias que assegurem os direitos dos pacientes, além da qualificação profissional e sensibilização de todas as categorias em saúde, promovendo maior cautela e priorização de práticas acerca da hanseníase pelos profissionais⁽²⁸⁾.

CONCLUSÃO

A hanseníase é uma doença que ainda predomina no Brasil, trazendo-a ao topo das pesquisas sobre casos em surgimento. Dessa forma, políticas públicas são imprescindíveis para controlar essa enfermidade. Entretanto, os resultados apontam para a necessidade de investir em educação em saúde sobre a hanseníase, não somente para combater o estigma e o preconceito, mas como medida de vigilância epidemiológica. Nota-se uma maior vulnerabilidade entre a faixa etária menor que 15 anos, predominantemente em áreas rurais, concluindo que os adolescentes devem ser um público de atenção. Com isso, estudos evidenciam que estratégias de ensino lúdicas e interativas são grandes aliadas em promover educação para o público, devido ao maior engajamento.

Assim, a educação sobre a doença deve ser prioridade, pois, entre as perspectivas, destacam-se estratégias que combinam engajamento e educação, como o uso de atividades educativas em escolas e comunidades, jogos interativos e dinâmicas que tornam a aprendizagem atraente e disseminam informações. Já os desafios centram-se na capacitação dos profissionais, devido à

formação profissional não incluir particularidades sensíveis aos adolescentes e portadores de hanseníase, evidenciando a necessidade de maior qualificação dos profissionais a fim de gerar maior aprimoramento sobre a prevenção, acolhimento e inclusão dos jovens. Portanto, investir na educação e capacitação é uma estratégia fundamental para reduzir o impacto da hanseníase entre os adolescentes.

REFERÊNCIAS

1. Benlamkadam S, Louardi S, Elaaraj M, Bennis A, Slimani S. Complicações neurológicas da hanseníase: uma série de casos. *Cureus*. 2024;16(5):e59884. doi: <https://doi.org/10.7759/cureus.59884>.
2. United Nations. Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Brasília: ONU Brasil; 2015. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://brasil.un.org/sites/default/files/2020-09/agenda2030-pt-br.pdf&ved=2ahUKEwjy3aGi3ruLAxWwppUCHZx5F14QFnoECAwQAQ&usg=AOvVaw0eeMoPZLCI_-TGIOMICzH9.
3. Santos LS, Costa CF, Almeida RA, Pereira TM. O impacto dos estigmas sociais e das vulnerabilidades em saúde na vida de pessoas com hanseníase. *Res. Soc. Dev*. 2022;11(12):e584111234908. doi: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i12.34908>.
4. Bazílio VA, Costa CS, Almeida LSF, Silva JPB. A importância do conhecimento da rede de cuidado no combate ao estigma da hanseníase. *Intermedius: Ciênc. Saúde Biol*. 2024, 1(1). doi: <https://publicacoes.unifimes.edu.br/index.php/intermedius/article/view/3740>.
5. Dalpoz CG, Nogueira RS, Santos APF, Silva MR. Análise dos indicadores epidemiológicos da hanseníase no contexto brasileiro. *Rev. Contemp*. 2024;4(5):e3937. doi: <https://doi.org/10.56083/RCV4N5-018>.
6. Zanette AC, Minasse CY, Vieira YAI. Análise epidemiológica da hanseníase em menores de 15 anos nas regiões brasileiras: um estudo ecológico. *Brazil. J. Implantol. Health Sci*. 2024;6(5):498-507. doi: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p498-507>.
7. Ferreira LFS, Firmino JV, Pinto AB, Nepomuceno DB. Hanseníase em crianças e adolescentes no Brasil: uma revisão da literatura. *Brazil. J. Implantol. Health Sci*. 2024;6(5):2237-51. doi: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p2237-2251>.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. PSE - Programa Saúde na Escola. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2025. doi: <https://sisaps.saude.gov.br/pse/>.
9. Rodrigues TSV, Gomes LC, Cortela DCB, Silva EA, Silva CAL, Ferreira MB. Factors associated with leprosy in children contacts of notified adults in an endemic region of Midwest Brazil. *J. Pediatr*. 2020;96(5):593-599. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jped.2019.04.004>.

10. Santos TA, Araújo B de FP de, Neto WB, Araújo EC de, Vasconcelos EMR de, Monteiro EMLM. Protagonismo de adolescentes na criação de um storyboard para um jogo digital sobre hanseníase. *Cogitare Enferm.* 2021;26:e71478. doi: <https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.71478>.
11. Ferraes MM, Araújo MB de, Freitas BHM de, Gaíva MAM, Bortolini J. Conhecimento de adolescentes sobre hanseníase após intervenção educativa. *Rev. Enferm. Atenção Saúde.* 2023;12(2):e202381. doi: <https://doi.org/10.18554/reas.v12i2.5952>.
12. Freitas BHM de, Silva FB, Silva HCD dos S, Silva KF da, Silva SEG, Gaíva MAM. Significados atribuídos por adolescentes a uma intervenção educativa sobre hanseníase. *Ciênc. Cuid. Saúde.* 2020;19:e56434. doi: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v19i0.56434>.
13. Vieira MCA, Teixeira M da GLC, Ribeiro KV, Barbosa KMG, Justino TMV, Vidal B, et al. My color is not like this, this is the color of the medicine: body image of individuals under 15 years old who had leprosy in Petrolina, PE and Juazeiro, BA. *Mundo Saúde.* 2023;47:e14102022. doi: <https://doi.org/10.15343/0104-7809.202347e14102022P>.
14. Carvalho RA, Alencar JLG, Souza SM de, Araújo VNB de, Monteiro LD. Incapacidades físicas da hanseníase em menores de 15 anos no estado do Tocantins, Brasil, 2001 a 2020. *Res. Soc. Dev.* 2022;11:e18311527995. doi: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i5.27995>.
15. Vieira MCA, Teixeira M da GLC, Silva LAV da, Mistura C, Sarmiento SS, Mascarenhas AA. Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase. *Saúde debate.* 2022;46(spe6):124-34. doi: <https://doi.org/10.1590/0103-11042022E611>.
16. Gaspar MAR, Oliveira SP, Oliveira JC, Brito JD, Pereira JF dos S, Ferreira RL, et al. Educação popular em saúde sobre hanseníase em uma comunidade quilombola da baixada maranhense: um relato de experiência do PET: - Saúde/Interprofissionalidade. *Interfaces (Belo Horizonte).* 2023;11(1), 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/36318>.
17. Souza IOC, Souza CN de, Melo EM de. O “cárcere” dos inocentes: os preventórios para os filhos dos pacientes de hanseníase no Brasil. *E-cad. CES*, 2022. doi: <https://doi.org/10.4000/eces.7162>.
18. Oliveira JDCP de, Marinus MW de LC, Monteiro EMLM. Practices in the healthcare of children and adolescents with leprosy: the discourse of professionals. *Rev. gaúcha enferm.* 2020;41:e20190412. doi: <https://doi.org/10.1590/1983-1447.2020.20190412>.
19. Leite Filho SF, Firmino JVT, Pinto ABD, Nepomuceno DB. Hanseníase em crianças e adolescentes no Brasil: uma revisão da literatura. *Braz. J. Implantol. Health Sci.* 2024;6(5):2237-51. doi: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n5p2237-2251>.
20. Souza CM de. Itinerário terapêutico de crianças e adolescentes com diagnóstico de hanseníase. 2023. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde) - Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37893>.
21. Alves DGT. O conhecimento de hanseníase entre estudantes de escolas públicas: conceitos e preconceitos. 2020. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de

Minas Gerais, Faculdade de Medicina, Belo Horizonte, 2020. Disponível em:
<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/36566>.

22. Campos MAP. Adolescente com hanseníase e autoestigma: o papel da educação. Sete Editora, [S. l.], 2023. doi: <https://doi.org/10.56238/methofocusinterv1-001>.
23. Sousa GS de, Cardoso JMS, Cortela D da CB, Lanza FM, Silva PR de S, Ferreira SMB. Atributos essenciais e derivados da Atenção Primária à Saúde em crianças e adolescentes com hanseníase. Texto Contexto Enferm. 2023;23:e20230081. doi: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2023-0081en>.
24. Jesus ILR de, Montagner MI, Montagner MA, Alves SMC, Delduque MC. Hanseníase e vulnerabilidade: uma revisão de escopo. Ciênc. Saúde Colet. 2023;28(1):143-154. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023281.09722022>.
25. Brasil. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico de Hanseníase - Número Especial | Jan. 2024. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologic_os/especiais/2024/be_hansen-2024_19jan_final.pdf/view.
26. Nunes JM, Oliveira EN, Vieira NFC. Hanseníase: conhecimentos e mudanças na vida das pessoas acometidas. Ciênc. Saúde Colet. 2011;16(Supl. 1):1311-1318. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700065>.
27. Nascimento T de S, Costa MAW, Santana JMD de, Amorim AM da S. Educação em saúde com adolescentes escolares: uma ferramenta estratégica do profissional de saúde no enfrentamento da hanseníase. Rev. Artigos. 2021;28:e7330. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/artigos/article/view/7330/4607>.
28. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Hanseníase: conhecendo estigma, discriminação e os direitos das pessoas acometidas pela hanseníase. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/hanseniase_conhecendo_estigma_discriminacao_direitos_pessoas.pdf&ved=2ahUKEwjW-vapjvGKAxXZqZUCHf3tIZ0QFnoECBkQAQ&usg=AOvVaw02qZ17ToVbAL4OqN02dE93.